



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
A SUA ALTEZA REAL O PRÍNCIPE DAVID M. DLAMINI
EMBAIXADOR DA SUAZILÂNDIA JUNTO À SANTA SÉ
POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO DAS CARTAS CREDENCIAIS**

Quinta-feira, 28 de Maio de 1998

Alteza Real

Dou-lhe as boas-vindas ao Vaticano por ocasião da apresentação das Cartas Credenciais mediante as quais Sua Majestade o Rei Mswati III o designa Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Reino da Suazilândia junto da Santa Sé. Agradeço-lhe as amáveis palavras de saudação que Vossa Excelência me transmitiu da parte do seu Rei; com clarividente recordação da minha visita ao seu país, realizada há alguns anos, retribuo as saudações e peço-lhe que comunique os meus bons votos a Sua Majestade e ao inteiro povo da Suazilândia.

Vossa Excelência salientou o facto de o Reino da Suazilândia e a Santa Sé entretecerem vínculos de amizade e cooperação que se tornam cada vez mais vigorosos, em virtude dos objectivos que compartilhamos na nossa comum obra em prol da paz e do bem-estar a todos os níveis da sociedade. O nosso encontro hodierno oferece-nos a oportunidade para reflectir juntos sobre as solicitudes que nos unem enquanto nos esforçamos por promover cada vez maiores compreensão e colaboração. Efectivamente, a única finalidade dos esforços da Santa Sé na área dos assuntos internacionais é a edificação de um mundo mais justo e humano, assente sobre os sólidos fundamentos do respeito pela dignidade humana e pelos direitos do homem. Não pode haver dúvida de que, se a comunidade internacional quiser alcançar este objectivo, deve empenhar-se numa real e efectiva solidariedade para com todos os povos, tanto na promoção das novas possibilidades em vista do desenvolvimento humano, que hoje estão a surgir, como na superação das insídias à paz que estão sempre presentes.

Se olharmos para o seu continente, podemos identificar determinados desafios que a solidariedade internacional deve enfrentar a fim de salvaguardar o desenvolvimento humano integral na África, assim como de assegurar o bem-estar

político, económico e social do mundo em geral. Entre as preocupações mais urgentes está a necessidade de pôr termo aos conflitos armados, oferecer alimentos aos famintos e assistir a multidão de refugiados. Cada um destes problemas constitui, por si só, uma fonte de enorme sofrimento; contudo, eles justamente podem ser considerados em conjunto, dado que cada um é tanto causa como efeito dos demais. Na África, a fome é com frequência o resultado da desintegração social, provocada pelo conflito e pela violência. Entre as vítimas da guerra e da miséria encontram-se as pessoas que se sentem obrigadas a abandonar o próprio lar e a procurar abrigo noutras paragens, com a ulterior dispersão e o deslocamento de homens, mulheres e crianças em toda a África. Durante estes últimos anos do século XX, estatísticas fundadas confirmam que existem 6 milhões de refugiados, além de 16 milhões de pessoas deslocadas no próprio país de origem. O resultado óbvio são mais guerras, miséria e refugiados; assim continua o círculo vicioso, com efeitos devastadores.

Quem se preocupa pelo bem-estar da África e das outras regiões do planeta, onde se verificam tragédias análogas, não pode poupar qualquer esforço no sentido de oferecer imediato socorro às vítimas das guerras, da miséria e dos deslocamentos. Todos, inclusivamente os governantes das nações e os directores das organizações internacionais, devem trabalhar juntos para encontrar modos de impedir que tais males se propaguem e, em última análise, de lhes pôr termo. A maioria das pessoas reconhece que à violência deve suceder o diálogo, a alimentação jamais pode ser usada como instrumento de negociação e a distribuição dos auxílios humanitários há-de ser desobstruída e incondicional. Infelizmente, nem sempre é fácil passar das declarações de princípio para os planos de acção, e é a este mesmo propósito que a Santa Sé tem exortado inúmeras vezes a comunidade internacional a agir com decisão e efectiva solidariedade, tendo em vista ajudar as pessoas que deveras se encontram em necessidade.

Enquanto este apelo se dirige à inteira comunidade internacional, uma particular exortação à solidariedade é feita também aos países da própria África. As nações africanas não podem depender da assistência estrangeira para tudo; elas dispõem de muitos homens e mulheres que têm todos os requisitos humanos e as aptidões intelectuais para enfrentar os desafios do nosso tempo. Como eu disse ao Corpo Diplomático no início do corrente ano: na África «é necessária mais solidariedade "africana", para sustentar os países em dificuldade, e também para que não lhes sejam impostas medidas ou sanções discriminatórias» (*Discurso ao Corpo Diplomático*, 10 de Janeiro de 1988, ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 17.1.1988, n. 4). A cooperação na análise e na avaliação das opções políticas, os acordos recíprocos em vista de suprimir o tráfico das armas, a participação activa nos programas de promoção da paz e da reconciliação: estes são outros tantos modos de aumentar a credibilidade africana aos olhos do restante do mundo e não-de encorajar outros países a incrementarem a assistência e a serem mais respeitosos no que concerne à soberania das nações envolvidas.

Este é o mesmo conceito de solidariedade que inspira a Igreja católica no seu empenhamento em benefício dos projectos humanitários. A caridade cristã encoraja o envolvimento activo dos católicos da Suazilândia – embora estes constituam apenas uma exígua minoria entre os seus concidadãos – na obra de desenvolvimento do progresso humano no próprio país, especialmente mediante a actividade da Igreja nos campos da educação, da assistência médica e dos serviços sociais. Agradeço-lhe, Senhor Embaixador, as palavras de apreço pelo compromisso da Igreja nestes sectores e estou persuadido de que, com a garantia legal da liberdade religiosa na Suazilândia, a comunidade católica poderá continuar a pregar a Boa Nova da salvação e a dar testemunho da mesma mediante concretas obras de caridade e misericórdia.

Alteza Real, a minha esperança é de que durante o período do seu serviço, a amizade e a compreensão que têm caracterizado os relacionamentos entre o Reino da Suazilândia e a Santa Sé continuem a aumentar. Asseguro-lhe a plena cooperação da Cúria Romana no exercício da sua sublime missão e invoco sobre Vossa Excelência e o inteiro povo da Suazilândia abundantes bênçãos de Deus Todo-Poderoso.

© Copyright 1998 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana